

Pampulha: sai o esgoto, entra o concreto

Morei 26 anos na Serra. Presenciei a transformação do bairro nessas últimas décadas. Quanta tristeza me dá ao descer hoje as suas ruas tão saturadas de gente e carro... Belo Horizonte ficou maior, mais complexa e mais conturbada. O "progresso" obrigou-nos a muitas concessões. Perdemos muito de nossa qualidade de vida e hoje parece a muitos que tudo isso foi necessário e, de certo modo, inexorável mesmo. Será mesmo? Depois da Serra, fui para Brasília e daí para a Alemanha, onde vivi alguns anos fazendo um curso de pós-graduação em ecologia. Lá vi estradas de asfalto serem arrancadas para dar lugar ao verdê. Isso foi em 1991 na estrada que liga Konstanz a área da ilha de Mainau, no lago de Constança. Vi também cursos de água, retificados com concreto na época do nazismo, serem revitalizados. Suas margens, transformadas na régua e compasso da juventude hitlerista, voltaram a receber seus meandros de outrora. Suas matas galeria foram recompostas e, onde havia o cinza, hoje florescem flores com muitas aves e toda uma bela fauna. Isso foi no condado (gemeinde) de Freiburg, na Floresta Negra. Será loucura de revolucionários do Greenpeace alemão? Não. Tais medidas foram democraticamente deliberadas nas comunidades envolvidas. Elas queriam não só melhorar a qualidade de vida de seus cidadãos, mas sobretudo incrementar uma das atividades econômicas que mais riquezas trazem para a-

quela região da Alemanha: o turismo. Hoje, trabalho na UFMG, onde, há muitos anos, dedico-me ao estudo da Pampulha. Posso considerar-me um especialista na questão ecológica da represa. Mas hoje falo como cidadão. Estou preocupado. Tenho acompanhado vários projetos de revitalização da orla, projetos de retirada de sedimentos e vários outros que vêm sendo tocados por diferentes administrações municipais. Estive, na semana passada, na audiência pública sobre a Pampulha, que ocorreu no Museu de Arte. Não gostei do que lá vi e ouvi. Filtrei nos diversos (e enfadonhos) discursos inúmeras ameaças rondando a lagoa da Pampulha. Naquela sala, tão cheia de afagos políticos, pairava um mar de segundas intenções, de interesses inconfessáveis. Querem transformar a lagoa de uma cloaca urbana que é hoje em uma piscina de asfalto e concreto. A Pampulha definitivamente não precisa de projetos megalomaníacos nem de propostas faraônicas. Para salvar a lagoa, basta retirar a contaminação por esgotos. Foi o que fizeram — com sucesso — no lago Paranoá, em Brasília. É um lamentável erro imaginar que o principal problema é o assoreamento, hoje em grande parte já estabilizado. Quanto ao resto, por favor, deixem a lagoa e seu entorno como estão. É um recanto para alguns de nossos políticos: a história não perdoa. Seus netos talvez se envergonhem do que estão por fazer.

Ricardo P. Coelho - Biólogo e professor (UFMG); especialista em limnologia de reservatórios urbanos.

Capital